

Franklim Marques¹

EDITORIAL | EDITORIAL

Sensivelmente em dezembro de 2019, o mundo foi desperto pela existência de um vírus proveniente da longínqua cidade de Wuham. Fez recordar ocorrências anteriores (epidemias SARS-2002; MERS-2012) localizadas, controladas. Apesar de alguns alertas, a verdade é que poucos acreditaram que o minúsculo SARSCoV, o 2, pudesse ser responsável por inúmeras alterações e que tivesse tantas repercussões a todos os níveis.

A Europa começou a sentir a sua presença nos inícios de 2020, sendo particularmente afetada a zona de norte de Itália (Milão), zona fortemente industrializada e comercial, e um complexo centro negocial. A 2 de março, o vírus chegou a Portugal, trazido de Itália por um empresário felgueirense. A primeira morte a nível nacional é registada a 16 de março. E apareceu a pandemia. Palavra cuja existência se confinava aos compêndios...

Num mundo tão tecnológico e cientificamente evoluído tudo mudou. Pôs à prova a pessoa e a sua fragilidade, a Humanidade, o respeito pelos outros, a proximidade da distância. O seu impacto foi transversal aos mais diversos setores: social, ao nível das estruturas da saúde, da política, da economia.

Uma breve reflexão sobre a pandemia conduz-nos: i) à contagem de mais de 3,5 milhões de mortos a nível mundial e superior a 17 000 em Portugal; (ii) ao agravamento das desigualdades sociais e entre países; (iii) ao incremento da vulnerabilidade e da marginalidade dos mais fracos; (iv) à crise de identidade e de valores associados à liberdade e igualdade; v) à adoção de novos comportamentos, como o isolamento social, o teletrabalho, a noção de proteção de nós mesmos e dos outros e de prevenção (idosos em lares, confinamento, cuidados sanitários, uso de máscaras e álcool...)

Portugal, no seu global, apesar de constrangimentos vários teve, pelo menos até ao momento, um comportamento muito meritório face à situação. Foram, e ainda são, tempos complicados e incertos, no entanto, não posso deixar de elogiar o desempenho dos vários profissionais de saúde e, em concreto, o dos farmacêuticos.

A primeira grande e positiva lição que a pandemia trouxe foi que os farmacêuticos estiveram sempre presentes nas farmácias, nos laboratórios de análises clínicas, na distribuição, onde mesmo em condições inusitadas prestaram um excelente trabalho junto da comunidade. Foi a eles que recorreram os doentes e os mais fragilizados, sobretudo, os de zonas mais remotas e isoladas, quando todos os recursos humanos e hospitalares estavam focalizados, quase em exclusividade no COVID e a disponibilidade dos serviços médicos e de atendimento ao doente e aos mais vulneráveis diminuiu, em particular nos centros de saúde, nas ULS, no global da prestação em saúde a nível dos cuidados primários. Nesses tempos de preocupação e de medo face ao desconhecido, onde as condições de proteção eram muito rudimentares e o contacto com os doentes era muito próximo, os farmacêuticos foram capazes de colmatar falhas no sistema de saúde e de minorar, nos limites dos seus saberes e competências, as complicações inerentes a muitas situações

¹ Diretor da revista Acta Farmacêutica Portuguesa

que surgiram, em particular os idosos e os doentes crónicos. O isolamento, a indefinição, o medo de não ter acesso aos medicamentos habituais por impossibilidade física de renovação da terapêutica instituída, a sensação de abandono foram situações marcantes para os doentes e também para os farmacêuticos.

Muito se evitou, e muito mais poderia ter sido evitado se a multidisciplinaridade colaborativa e complementaridade entre profissões de saúde constituíssem fator prioritário como mais valia junto do doente. De facto, a Saúde em Portugal conheceu profundas metamorfoses em função da pandemia que passaram por uma nova assunção das capacidades individuais dos profissionais de saúde, em particular dos farmacêuticos, com reflexos evidentes na melhoria dos serviços de saúde prestados às populações.

Considera-se, assim, que urge atribuir mais competências e responsabilidades aos farmacêuticos, nomeadamente a renovação da terapêutica e o acompanhamento dos polimedicados. Desta feita, o clínico teria uma maior liberdade temporal para exercer as suas funções nas áreas de sua intervenção por excelência, entre elas o diagnóstico clínico, instituição da terapêutica. A grande vantagem consubstancia-se no facto de o farmacêutico ser um profissional confiável que conhece o medicamento como nenhum outro. Seguramente que a confiança no farmacêutico e na farmácia ou noutro qualquer local de trabalho onde o farmacêutico desempenhe a sua atividade incrementará e muitos problemas atuais poderão ser minorados.

O farmacêutico tem a vantagem adicional de conhecer os limites da sua atuação distinguir o que são as suas competências das dos outros. Quando esses limites são atingidos é suficientemente idóneo para encaminhar o doente para outros profissionais devidamente habilitados, o clínico.

A Ordem dos Farmacêuticos tem um papel importantíssimo a desempenhar e pode conduzir a uma mudança muito positiva no modo de encarar a profissão farmacêutica. Uma Ordem comprometida com os farmacêuticos e os interesses dos doentes. Estes tempos exigentes implicam que a confiança e a experiência sejam fundamentais para o estabelecimento de prioridades que orientarão o nosso futuro.

A vida adquiriu novo sentido. Criamos novos hábitos, novas rotinas. Tal como afirma Mia Couto “Nascemos para ser escolhidos, vivemos para escolher”. E são as prioridades e as escolhas na sequência do que vivemos que qualificam e definem o nosso caminho.